

NOTAS DE UMA RECÉM-INGRESSA NO CAMPO DO CAMPO¹

Aline Radaelli

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFAM

Torna-se uma difícil tarefa dissertar acerca da importância da sociologia aos olhos de quem está nos primeiros passos de conhecer uma parcela da vastidão de seu campo, de compreender seus elementos exteriorizados a partir de suas interiorizações. Contudo, arrisco-me, despretensiosamente acalentada por Bourdieu (2002) e sua constatação de que nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades.

Uma cientista econômica formada fora do Amazonas rumando para a pós-graduação em sociologia no Amazonas. Talvez estas teriam sido as dificuldades mais profundas no âmbito desta transição de campo, área, localidade, território, ares; não fosse, porém, o encanto que a sociologia causou desde meados da graduação e, de maneira dialética – quase como uma balança tendo seu equilíbrio alterado –, com o desencanto pelo curso que eu havia escolhido, com a forma de se estudar, analisar e operar a economia capitalista atual. A maneira crítica com que a via e a vejo pode ter me moldado, paulatinamente, cada vez mais inquieta e divergente de suas disparidades e liquidez – liquidez esta tão importante economi-

camente e tão preocupante socialmente, utilizando comparativamente os dois conceitos de ambas as áreas. A ciência econômica seria, talvez, mais humana se considerasse mais aspectos das ciências sociais.

A mudança geográfica junto à de área de estudo também poderia ter sido uma das maiores dificuldades neste processo; não fosse, porém, uma oportunidade de trabalho que me traria para cá e me apresentaria uma pequena, porém importante, parcela das dinâmicas socioeconômicas e modos de vida dos povos e populações tradicionais, o que fincou em espírito e intelecto o desejo de seguir trabalhando e estudando no Amazonas, contando com a especialização dos olhares e imaginações sociológicas para compreender este mundo único e diverso que é a Amazônia, tendo o Amazonas como parte importante deste todo.

A esta diversidade amazônica sim é possível atribuir elementos de dificuldades à pesquisa, sobretudo quando esta exige pesquisa empírica. Em se tratando das dimensões geográficas do estado do Amazonas, bem como suas particularidades não somente paisagísticas e naturais, mas também logísticas, sociais, e-

¹ Refiro-me à pesquisa de campo na Amazônia acompanhada pelo movimento de transição do campo científico (BOURDIEU, 1983) da sujeita do conhecimento, das ciências econômicas para a sociologia.

conômicas e culturais que fazem desta unidade federativa única se comparada às demais, o “fazer campo” no Amazonas é desafiador e encantador, diferentes de quaisquer outras experiências pretéritas.

No decorrer de seu desenvolvimento, a pesquisa científica abrange diversas fases, tanto no sentido de diversas habilidades que devem ser acionadas quanto ao local de ocorrência ou os materiais, ferramentas e metodologias utilizadas para alcançar o objetivo previamente proposto. Dentre a totalidade das fases, por exemplo, há as que exigem ora habilidades técnicas, ora cognitivas, lógicas ou subjetivas, cada uma a um período e temporalidade. Fernandes (1959) aponta que há duas fases obrigatoriamente envolvidas no processo de investigação nas ciências sociais, denominadas operações intelectuais de caráter “técnico” e operações intelectuais de caráter “lógico”, em que as primeiras precedem e condicionam as segundas.

Intelectual fiel ao estudo empírico da sociologia, precursor da sociologia figuracionista e processual, Elias (2000) ressalta de forma crítica a formação dos sociólogos que suprime a importância da observação, esta que exige certa sensibilidade ao realizar pesquisas de campo.

Ainda não é parte integrante da formação dos sociólogos aprender a observar e conceituar sistematicamente o modo como indivíduos se agregam, como e por que eles formam entre si uma dada configuração ou como e por que as configurações assim formadas se modificam e, em alguns casos, se desenvolvem. (ELIAS, 2000 [1965], p. 57)

Ao se deparar com poucos manuais metodológicos que abordam esta temática no campo especificamente da sociologia, e a forma como a pesquisa sociológica é difundida, o sujeito que se encontra em formação nas ciências sociais, em um primeiro momento, pode ter a compreensão de que o trabalho de campo que envolve o observar, o ouvir, o interpretar se restringe ao pesquisador mais ligado à prática da antropologia e etnologia. A despeito de Oliveira (1996) demonstrar a importância desse “atuar” em campo se restringindo ao trabalho do antropólogo, veiculando o texto a seus pares, ele ressalta o intuito de também abranger os estudantes e estudiosos das ciências sociais.

A importância dos atos de olhar, ouvir e escrever é fundada porque envolve diretamente o aguçamento da percepção e do pensamento que contribuem para a apreensão dos fenômenos sociais. O autor reforça o argumento enfatizando:

[...] o caráter constitutivo do olhar, do ouvir e do escrever, na elaboração do conhecimento próprio das disciplinas sociais, isto é, daquelas que convergem para a elaboração do que Giddens, muito apropriadamente, chama “teoria social”, para sintetizar, com a associação desses dois termos, o amplo espectro cognitivo que envolve as disciplinas que denominamos ciências sociais. (OLIVEIRA, 1996, p. 18)

Fernandes (1959) reforça a relevância da observação para o que ele denomina *pesquisa empírica sistemática*, inicialmente diferenciando o ato de observar do ato de ver, onde um reflete diretamente na percepção e outro na explicação da realidade e, citando Madge (1953), complementa que

[...] um pesquisador social sem treino adequado [apoiado no método] pode ver muito e identificar pouco; enquanto um pesquisador social com ideias rígidas acaba vendo apenas os fatos que confirmam suas concepções. (FERNANDES, 1959, p. 79)

Florestan segue pontuando a observação com significação tão importante para as ciências sociais como para as demais ciências, uma vez que é ela quem permite ao sujeito do conhecimento não se limitar à mera constatação de dados e é por meio dela que a empiria é alcançada e coligada com a teoria, sendo tais acontecimentos tão importantes para a descrição ou interpretação dos fenômenos sociais. O autor demonstra relevante interesse na defesa da observação para a reconstrução da realidade nas ciências sociais que as considera como pertencente ao grupo de *ciências da observação*.

Nesta mesma discussão, Elias (1999), ao diferenciar essencialmente as teorias filosófica e sociológica, aponta como principal papel da segunda manter contato direto e estreito com os resultados práticos da ciência, sendo largamente significativo para discussões teóricas voltadas para a realidade. O autor

defende a prática da ciência como objeto de investigação tanto teórica quanto empírica, e faz uma crítica à homogeneização de métodos que utiliza *um eixo para moldar qualquer material, fosse ele madeira, mármore ou cera* (p. 65), na medida em que a escolha do objeto é ação interdependente à escolha do método de investigação.

Tal questão se faz presente sobretudo na atuação do pesquisador em campo, uma vez que deve lançar mão de uma variada gama de estratégias de análise, abordagem e coleta de dados. Corroborando com tal postura Bourdieu (2002) quando defende o *experimentalismo metodológico* ao criticar o *monoteísmo* adotado pelos sujeitos pesquisadores que se fecham hermeticamente a um método como verdade una, visando ainda definir filiação a determinada escola ou a *cães de guarda metodológicos*.

Nesta linha, encontram-se também as contribuições metodológicas de Lévi-Strauss (1970), que pensou a desmistificação das metodologias unívocas ao passo que defende que os mais diferentes métodos e análises devem ser utilizados livremente em função das circunstâncias que lhe são exigidas. Empréstimo o próprio conceito de *bricolagem* do autor, propõe-se que ele opera uma *bricolagem* metodológica: utilização de fragmentos saídos de um processo de destruição que, porém, possam ganhar e ofertar novas formas, enriquecendo o conteúdo anterior de variadas formas, operando tal como a lógica do caleidoscópio (LÉVI-STRAUSS, 1970).

Acerca da postura do investigador, Bourdieu nos faz alerta e vigilantes ressaltando que esta deve se pautar na dedicação humilde, cuidadosa e humanista ao ofício no âmbito do trabalho de campo, e não centrada unicamente na pessoa do investigador como se este fosse um objeto de exposição que atraia todas as atenções. No plano da prática da pesquisa ser uma teoria em ato (BOURDIEU *apud* THIOLLENT, 1987), o sujeito pesquisador é mera personagem coadjuvante dirigido pelos sujeitos pesquisados, uma vez que o coadjuvante deve se orientar para o grupo estudado e tentar se identificar com ele (DAMATTA, 1978).

A importância de o sujeito do conhecimento realizar, em algum momento da pesquisa, o trabalho de campo se reflete ainda na salvaguarda concedida para não cairmos nas práticas do *modo de produção*

de não-existência da monocultura do saber (SANTOS, 2006), que consiste em transformar o conhecimento científico e os mais altos níveis de capital cultural em verdades e qualidades uníssonas, blindadas, hierarquizadas e irrefutáveis. Nossa segurança para escaparmos desta lógica se encontra na ampliação dos horizontes de compreensões e interpretações diferenciadas entre os vários sujeitos envolvidos na pesquisa. Em trabalhos de campo no interior do Amazonas, deparamo-nos constantemente com a profundidade e riqueza do conhecimento dito tradicional, ou seja, os saberes empíricos do trabalhador plural da Amazônia, que significa e ressignifica sua existência pelo trabalho e labor nas pluriatividades que exerce nas terras, florestas e águas de trabalho (WITKOSKI, 2010).

Neste contexto de intensos aprendizados no âmbito da união entre empiria e teoria sociológicas, surge o Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS e suas disciplinas ofertadas, que colaboram com o *artesanato intelectual* (MILLS, 2009) envolvido na construção e lapidação do projeto de pesquisa, futura dissertação. Para além de uma importância histórico-institucional que uma recém ingressa não arriscaria esboçar, o PPGS é peça fundamental para permitir o encontro de conhecimentos e fundamentos que exaltam a capacidade de a sociologia modificar olhares. A forma como ela o faz traz, paradoxalmente, calma e inquietude a muitos questionamentos, e abre precedentes para não somente pensarmos e problematizarmos o mundo, como modificá-lo. Estes são os impactos e os dilemas que a sociologia nos propõe cotidianamente.

Cabe registrar ainda os dilemas da pesquisa sociológica no âmbito da insuficiência ou ausência de recursos e aparato institucional condizente com o apoio à pesquisa, considerando a atual conjuntura política desfavorável não só em nível nacional, a partir dos constantes cortes de repasses a importantes centros e agências de financiamento científico, como CAPES e CNPq, como também em nível estadual, gravemente evidenciada pela extinção da pasta do estado que gere, formula e implementa políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação – denominada SECTI –, pela desidratação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), que teve corte de bolsas e incentivos à pesquisa e partici-

pação de eventos acadêmico-científicos, e o profundo abalo na estrutura financeira, humana e de gestão da Secretaria de Estado de Meio Ambiente – antiga SDS, atual Sema. Medidas de impacto estas todas promovidas pelo executivo em exercício no ano de 2015, comprometendo os avanços que o estado vinha tendo no fomento a pesquisas e formulação de políticas públicas de interesse à sociedade amazonense.

Neste cenário preocupante de desmontes e retirada de direitos é que se fazem ainda mais importantes e necessárias as contribuições do pensamento sociológico crítico capitaneado pela única pós-graduação em sociologia. Do parco conhecimento que a presente mestrandia tem acerca da trajetória do programa, é perceptível sua relevância, junto a seu corpo docente, discente e suas produções, para além de ser um programa que propõe problematizar objetos de pesquisa relacionados ao mundo do trabalho, às dinâmicas sociais e suas dimensões simbólicas, à Amazônia e o pensamento social, Estado e sociedade, e seus respectivos eixos temáticos. Sua importância transpassa os muros da Ufam uma vez que é o único programa em sociologia da região Norte brasileira. Este fato certamente traz para si também, na mesma medida da relevância, dilemas e preocupações acerca do fazer científico na região amazônica, uma região que pode ter sido renegada a segundo ou terceiro plano aos olhos das demais regiões brasileiras, mas não dos demais países (SILVA, 1996). Sendo único, trabalha e deve trabalhar para ser referência.

Tendo minha trajetória pessoal e acadêmica marcada pelo programa a partir de 2016, passa inevitavelmente a existir um apreço que durará além-dados oito meses que teoricamente me faltam para a conclusão do curso, e, junto a tal apreço, os votos para que o PPGS siga crescendo, ressignificando-se e se fortalecendo e, sobretudo, formando sociólogos que contribuam com a história e o pensamento sociológico no Amazonas e na Amazônia, tornando-se ainda mais significativo para o campo científico a partir de suas pesquisas e atividades acadêmicas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu. Tradução de Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P. O poder simbólico. 5ª ed. Rio

de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 17-58.

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E. O. A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método em pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ELIAS, N. O sociólogo como destruidor de mitos. In: ELIAS, N. Introdução à sociologia. Lisboa: Edições 70, 1999. p. 53-75.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000 [1965].

FERNANDES, F. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo: Nacional, 1959. p. 1-44

LÉVI-STRAUSS, C. O pensamento selvagem. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970 (Col. Ciências sociais, v. 31).

MILLS, C. W. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SILVA, M. C. da. O Paiz do Amazonas. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

SANTOS, B. S. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

THIOLLENT, M. A falsa neutralidade das enquetes sociológicas. In: THIOLLENT, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. 5ª ed. São Paulo: Pólis, 1987.

WITKOSKI, A. C. Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 2010.